

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO TRABALHO COM CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA EM SALA DE AULA

Ariany Freitas Teixeira

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará.

Fortaleza, Ceará, Brasil, ariany.freitas@aluno.uece.br

Introdução

A ampliação do debate acerca da educação inclusiva no Brasil tem evidenciado a necessidade de aprofundar discussões sobre o papel do pedagogo no atendimento às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nas últimas décadas, observa-se um crescimento significativo no número de diagnósticos de TEA, o que impõe às instituições escolares o desafio de reorganizar práticas pedagógicas, metodologias e processos formativos, a fim de garantir uma inclusão efetiva e não meramente formal.

Conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) e na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, o direito à educação inclusiva é assegurado a todas as pessoas com deficiência, cabendo à escola promover condições de acesso, permanência e aprendizagem. Contudo, a efetivação desses direitos ainda encontra entraves, sobretudo no que diz respeito à formação inicial e continuada dos profissionais da educação.

Nesse sentido, estudos como o de Azevedo Oliveira, Castro Solino e Silva (2024) apontam que os professores enfrentam dificuldades significativas no trabalho com crianças autistas, especialmente pela ausência de formação específica e suporte institucional adequado. De modo semelhante, Sousa, Ferreira e Costa-Maciel (2023) destacam que o(a) pedagogo(a) desempenha função central no processo de mediação pedagógica, sendo responsável por articular estratégias que respeitem as singularidades cognitivas, sociais e comportamentais da criança com TEA.

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo geral analisar a atuação do pedagogo no trabalho com crianças com TEA em sala de aula. Como objetivos específicos, pretende-se: compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto da educação infantil; identificar os principais desafios enfrentados pela profissional entrevistada e relacionar os dados empíricos às discussões teóricas presentes na literatura científica sobre inclusão escolar.

A escolha da temática também se vincula à vivência acadêmica e profissional das autoras, que já atuaram diretamente com crianças autistas no ambiente escolar, o que possibilitou um olhar mais sensível e crítico acerca das lacunas existentes entre a legislação, a teoria e a prática pedagógica cotidiana.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, uma vez que busca compreender, a partir da perspectiva da participante, os sentidos atribuídos à prática pedagógica no contexto da inclusão escolar. O procedimento metodológico consistiu na realização de uma entrevista semiestruturada com uma pedagoga e coordenadora da rede privada de ensino em Fortaleza, atuante na educação infantil. O roteiro contemplou os seguintes eixos: formação acadêmica; tempo de atuação profissional; práticas desenvolvidas com alunos com TEA; desafios enfrentados; e percepções acerca do processo de inclusão.

Para fundamentar teoricamente a análise, realizou-se levantamento bibliográfico no Portal de Periódicos da Capes, selecionando-se dois artigos científicos que discutem a inclusão de crianças com autismo no ambiente escolar. O estudo de Azevedo Oliveira, Castro Solino e Silva (2024) contribui ao evidenciar as dificuldades enfrentadas pelo corpo docente diante da inclusão e ao discutir contribuições da Análise do Comportamento Aplicada. Já Sousa, Ferreira e Costa-Maciel (2023) analisam o papel do pedagogo no processo inclusivo, destacando a necessidade de formação específica e planejamento pedagógico adaptado. A articulação entre entrevista e referencial teórico permitiu uma análise comparativa entre a realidade vivenciada pela profissional e os apontamentos da literatura científica.

Resultados e discussão

Nossa entrevistada é graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA), especializada em Psicopedagogia Clínica Institucional pela UECE. A pedagoga atua na área há 25 anos e trabalha o dia inteiro em uma escola de educação infantil. A profissional em questão nos relatou que não teve nenhuma formação específica com relação ao TEA, ela fez, na verdade, uma especialização em Coordenação e escolheu um tema relacionado ao trabalho com crianças com Síndrome de Down, porém não foi possível concluir esse curso. Ela expõe também que a escola não utiliza material didático adaptado para crianças atípicas, eles tentam trabalhar com materiais lúdicos que trabalham a coordenação motora e interações sociais, que influenciam o desenvolvimento integral dessas crianças.

Ademais, nós perguntamos como as famílias participam do processo educativo dos alunos e nos foi apresentado que elas só costumam intervir diretamente, de 6 em 6 meses, em reuniões que avaliam o desenvolvimento social e cognitivo dessas crianças. A pedagoga afirma não receber orientação ou suporte de nenhum órgão ou instituição, ela procura fazer pesquisas, busca informações com amigas que lidam com essas questões. Diante disso, nos interessou saber qual seria a maior dificuldade que ela enfrenta nesse meio e a falta de apoio

familiar foi levantado como ponto principal, visto que as crianças atípicas precisam da atenção dobrada dos mesmos.

Em síntese, essa entrevista, infelizmente, ratifica o despreparo do corpo docente ao receber as crianças com Espectro Autista em sala de aula, apresentados nos artigos que analisamos, visto que a maioria dos profissionais não têm acesso à formação continuada e sequer recebem auxílio ou orientação para que o processo de inclusão seja efetivo, portanto, podemos concluir que esses profissionais estão em situação de desamparo em diversos âmbitos, já que muitos deles não têm tempo para trabalhar integralmente, como a entrevistada, e fazer uma especialização ou curso adequado, que é fruto de um sistema imediatista e mecanicista.

Conclusões

Dessa forma, o que podemos concluir acerca do nosso objeto de estudo, tendo em vista as pesquisas analisadas, os artigos lidos e a entrevista realizada, compreendemos que o ambiente de inclusão escolar efetivo ainda é uma ideia utópica no cenário brasileiro, considerando o despreparo formal dos profissionais da educação, sendo esse o aspecto mais criticado ao longo do estudo. Diante disso, as mais prejudicadas são as crianças com TEA, que em muitos casos são marginalizadas, excluídas e até mesmo desumanizadas no ambiente escolar. Desconhecer as necessidades e especificidades dessas crianças faz com que elas sejam incompreendidas e injustiçadas, fator que atrapalha todo o processo de desenvolvimento desse cidadão.

Entretanto, é notório que a temática tem sido mais abordada, uma vez que, vários estudos têm sido realizados, contudo, na prática, esses pontos não são realmente discutidos por professores e pedagogos, esses debates não acontecem em salas de reunião ou não são levados em consideração, o que é muito preocupante, já que a escola é o ambiente em que as crianças passam a maior parte do dia e os professores têm de lidar com as particularidades de crianças atípicas, nesse estudo nós focamos no TEA, mas outros transtornos como TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), dislexia, dentre outros estão presentes no contexto escolar.

A partir dessas reflexões, não há como negar que a nossa sociedade ainda não está preparada para acolher adequadamente as crianças neurodivergentes, todavia, trazer tais discussões à tona é essencial, para que, o corpo social dê a devida importância ao assunto, e assim os cursos e as teorias já criadas sejam postas em prática, principalmente pelos profissionais da educação e dessa forma, possamos ter uma convivência mais saudável, que se distancia da exclusão e marginalização desses indivíduos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Pedagogo, Análise do Comportamento Aplicada.

Referências Bibliográficas

REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

AZEVEDO OLIVEIRA, M. L. CASTRO SOLINO, A. M.; SILVA, G. M. **Desafios enfrentados pelo corpo docente diante da Inclusão de Crianças com Autismo no Ambiente Escolar : Contribuições da Análise do Comportamento.** Apae Ciência, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 11–21, 2024. DOI: 10.29327/216984.21.1-2. Disponível em: <https://apaeciencia.org.br/index.php/revista/article/view/382>. Acesso em: 18 dez. 2025.

SOUSA, José Paulo de; FERREIRA, Maria Nunes; COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes da. **Autismo no Espaço Escolar: Reflexões Sobre a Ação do(a) Pedagogo(a) no Processo de Inclusão da Criança Autista.** Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 322–325, 2023. DOI: 10.17921/2447- 8733.2023v24n2p322-325. Disponível em :<https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/9816>. Acesso em: 18 dez. 2025.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP